

AS DOENÇAS E OS CORPOS DOS ESCRAVIZADOS DOENTES FALAM EM *A MENINA MORTA*, ROMANCE DE CORNÉLIO PENNA

DISEASES AND THE BODIES OF THE SICK ENSLAVED SPEAK IN *A MENINA MORTA*, A NOVEL BY CORNÉLIO PENNA

Antônio Batalha¹

Josalba Fabiana dos Santos²

RESUMO: Este artigo busca analisar a loucura como metáfora e os corpos dos escravizados doentes na obra *A menina morta* (1954), romance de Cornélio Penna. Na narrativa, os doentes escravizados e o canto dos “alienados” põem à luz os mecanismos de dominação e as interdições a que estão sujeitos os moradores do Grotão. Os corpos e a linguagem cifrada dos negros são formas de comunicação frente o processo de silenciamento imposto pelo Comendador às pessoas que residem em sua fazenda. Além disso, os males são elementos capazes de aumentar a atmosfera de mistério e de tensão da história. Utiliza-se dos estudos das moléstias feitos por Hegenberg (1998), por Sontag (2007) e por Foucault (2016a, 2016b, 2017) para aclarar o passado das enfermidades e suas possíveis interpretações. Os teóricos possibilitam-nos ver as camadas de significações sedimentadas em nossa cultura – os medos, os preconceitos, a curiosidade e o fascínio, por exemplo – que existem na experiência de estar adoentado no Ocidente, e, assim, entender que os corpos e as vozes dos oprimidos podem ser vistos/ouvidos a partir da compreensão das enfermidades e suas metáforas.

PALAVRAS-CHAVE: Doença; Corpos doentes; *A menina morta*; Cornélio Penna.

ABSTRACT: This article seeks to analyze madness as a metaphor and the bodies of the enslaved patients in *A Menina Morta* (1954), a novel by Cornélio Penna. In the narrative, the nursery of the enslaved and the singing of the “alienated” show the mechanisms of domination and the interdictions to which the residents of Grotão are subject. The bodies and the encrypted language of black people are forms of communication against the silence imposed by the Comendador on the people who live on his farm. Besides, maladies are elements capable of

¹ Mestrando em Letras na da Universidade Federal de Sergipe – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3679-8996>. E-mail: antoniobt@live.com.

²Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Estudos Literários na Universidade Federam de Minas Gerais – Brasil. Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe - Brasil. E-mail: josalba@ufs.br.

increasing the atmosphere of mystery and tension in history. It uses the studies of diseases done by Hegenberg (1998), Sontag (2007), and Foucault (2016a, 2016b, 2017) to clarify the past of the diseases and their possible interpretations. The authors make it possible for us to see some meanings in our culture - the fears, prejudices, curiosity, and fascination, i. g.- that exist in the experience of being ill in our world, and thus understand that bodies and voices of the oppressed can be seen/heard from the understanding of illnesses and their metaphor.

KEYWORDS: Illnesses; Sick bodies; *A menina morta*; Cornélio Penna.

1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Cornélio Penna (1896-1958) nasceu em Petrópolis, no Rio de Janeiro, e viveu sua infância em Minas Gerais, em Itabira do Mato Dentro. Durante sua vida, exerceu diversas atividades: foi pintor, funcionário público e escritor. Seus quatro romances são: *Fronteira* (1935), *Dois romances de Nico Horta* (1939), *Repouso* (1949) e *A menina morta* (1954), objeto deste artigo. As três primeiras obras têm suas narrativas ambientadas no interior de Minas Gerais, num clima onde impera a decadência das famílias locais, que se encontravam à beira da ruína na transição do século XIX para o XX e do regime político do país – o Império para a República. O último livro difere-se dos anteriores em relação ao espaço e ao tempo, pois a sua história se passa entre as províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, durante o apogeu do Segundo Reinado.

O autor de *A menina morta* é visto, por alguns críticos, como “petropolitano de nascença, mineiro de natureza, muitos o classificam, por seu amor ao passado e às coisas antigas envolvidas em mistério, como o único romancista brasileiro *gótico*”. (SHLAFMAN, 2001, p. 17, grifo do autor) Este aspecto também foi ressaltado por Santos (2008): a presença de elementos do gênero gótico indica a paródia, em outras palavras, uma atualização/tradução/transformação de elementos literários dos séculos XVIII e XIX num romance publicado em meados do século XX, visando uma reavaliação do passado a partir de olhos modernos, os de Cornélio Penna.

Esse traço característico de certo amor aos tempos já transcorridos põe nas narrativas um certo ar de mistério, que é reforçado, por vezes, pelo rol de doenças e de doentes que povoam os espaços onde as personagens vivem: uma fazenda distante dos centros urbanos. As pessoas febris e os loucos,³ por exemplo, alimentam o mistério da narrativa, pois as enfermidades não têm suas razões e causas explicitadas. Elas estão presentes no quotidiano da propriedade rural, o Grotão, mas não sabemos suas origens e o que as tenha provocado/gerado. A moléstia, que é o estado intermediário entre o mundo dos sãos e o dos mortos e o caminho por onde todos nós devemos passar em algum estágio de nossas vidas (SONTAG, 2007, p. 11), e os corpos dos negros falam no Grotão, portanto, que os ouçamos.

2 UM PASSEIO PELO GROTAÃO

A história do derradeiro romance de Cornélio Penna, *A menina morta*, começa a partir da morte de uma menina, cujo nome é homólogo ao do título. Ela é uma das herdeiras de uma imensa propriedade rural (o Grotão) onde se passa a narrativa, nos meados do século XIX, no Vale do Paraíba. A fazenda encontra-se afastada Corte, numa região de divisa entre as províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, e possui cerca de trezentos escravizados e um conjunto de senhoras e senhores agregados que vivem à sombra do Comendador, o todo-poderoso, a quem todos se encontram subjugados.

O quotidiano e as vidas do lugar são marcados pelas vontades do senhor que controla a vida – literalmente, no caso dos cativos – e as vontades de todos. Um desses seres subjugados ao patriarca é Dona Maria Violante. Ela é viúva e

³ Neste artigo, as palavras louco, insano, alienado e doente mental são tomadas como sinônimas. Apesar de ao longo da história da loucura existirem particularidades de cada dentro de cada nomenclatura sociais (FOUCAULT, 2017), optou-se, uma vez que não estamos a fazer um estudo médico ou historiográfico, a tomá-los semanticamente como equivalentes de uma mesma realidade social

recém-chegada da capital do Império com Carlota – filha mais velha do dono da propriedade, a qual tinha a função substituir a menina morta e sua mãe, Dona Mariana, que se encontra reclusa em outra propriedade, provavelmente, devido à sua opinião contrária às ações de seu marido.

Com o objetivo de se distrair da monotonia do Grotão, Dona Maria Violante aceita o convite das outras senhoras – as outras agregadas – para empreender um passeio pela fazenda. Mais abaixo há uma passagem em que há a descrição da visita delas por uma das alocações da propriedade, a enfermaria dos escravizados. O recinto não é um local muito hospitaleiro para os brancos que o veem como inadequado à sua condição social, já que a massa de cativos doentes da fazenda é tratada lá.

A descrição da entrada do lugar lembra a de um portal entre duas zonas: a dos sãos e a dos doentes. Ao entrarem no universo dos enfermos, as senhoras põem à luz, de forma inconsciente, que “mais cedo ou mais tarde nos vemos obrigados, pelo menos por um período, a nos identificarmos como cidadãos desse outro lugar” (SONTAG, 2007, p. 11), o reino dos doentes. A entrada para o outro recinto se deu “pela porta larga, muito forte e pintada de vermelho-oca já esmaecido e viram-se logo no corredor amplo conducente ao alojamento dos escravos” (PENNA, 1970, p. 235) e foi

[...] quando [Dona Maria Violante] se viu em plena enfermaria cercada de catres rudes onde jaziam cerca de dez pretos que se puseram a gemer quando as senhoras entraram, sentiu medo e repulsa ao mesmo tempo, na atmosfera carregada ali existente, apesar das cobertas muito brancas e do vermelho vivo dos cobertores de baeta. Perto do lugar onde parou, interdita, sem saber que fazer com as mãos, subitamente envergonhada de seus anéis e das bichas faiscentes de suas orelhas, um dos doentes se moveu e murmurou palavras misteriosas de encantação. Não entendeu o significado delas apesar de familiarizada com algumas palavras africanas. Temerosa voltou-se para o cafuzo servente de enfermeiro no momento, e este muito envergonhado porque vestia apenas calça de ganga disse-lhe gaguejante:

– Zere é de longe, não tem ninguém de sua raça aqui... está com febre.

Dona Maria Violante ao ver agora suas companheiras agrupadas perto da porta, a olhá-la espantadas por verem ter ela avançado sozinha até o meio da quadra, e se aproximara das camas, correu para junto delas e fez com as saias alto ruge-ruge. Ao juntar-se ao grupo voltou-se a medo, e mais receosa ficou ao ver surgir de sob as cobertas dos catres a figura negra e estremunhada de cada doente, a fitá-la com olhos vermelhos e brilhantes.

- Desculpe-me o papel tolo que fiz - Disse Dona Maria Violante [...] (PENNA, 1970, p. 237).

A massa de negros doentes está destinada a um dos últimos prédios da fazenda, onde é tratada por um médico e um cafuzo, seu ajudante. Os adoentados encontram-se afastados dos outros escravizados e das pessoas da casa-grande, (sobre)vivendo agrupados à margem do tecido social. A enfermaria é o local reservado às enfermidades dos negros, a qual põe à baila o grau de marginalização que os escravizados doentes vivem dentro do Grotão: eles são a figura dos marginalizados dentro dos marginalizados. Em palavras mais precisas, eles são parte de outrem – em nossa sociedade a figura do doente funciona como uma espécie de alteridade negativa (SONTAG, 2007) – dentro de um estrato social inferiorizado – o negro, na lógica do sistema escravagista.

Essas pessoas são lançadas ao extremo das margens da sociedade, pois representam um grupo que vive em seus corpos um duplo estigma social: o de ser negro e o de estar doente. Ou seja, é uma alteridade duplamente negativa, o que amplificaria, desde o início, o estigma que o enfermo carrega, isto é, a “espécie de morte social que precede a morte física”. (SONTAG, 2007, p. 104) Os seres que vivem essa “morte em vida” devem ser apartados, segregados e vigiados, já que os são têm medo de uma suposta contaminação.

A enfermaria dos pretos no Grotão recorda que nossa cultura separou/separa espaços para controlar, apartar e ratificar seu poder sobre determinados grupos sociais: os espaços de saúde foram, em nosso mundo, locais de controle das moléstias e das pessoas, onde se agrupava os marginalizados – criminosos, loucos, mendigos, por exemplo – com o intuito de

afastá-los do restante da população, estigmatizando-os ao máximo. (FOUCAULT, 2016a, p. 39) Os espaços de saúde são/foram, portanto, os locais em que se separa o “joio do trigo”, o impuro no meio dos puros, haja vista que o medo do contágio é algo que se faz constante. Na fazenda, o contato com essa forma supostamente negativa de existência (o preto doente) é capaz de despertar várias sensações nas senhoras brancas – por exemplo, o medo e a curiosidade –, que são capazes de fomentar o mistério de entrar no universo desconhecido dos escravizados. É o encontro do eu – branco e são – com o outrem – preto e doente – que gera uma tensão, em outros termos, a sensação de que algo está para acontecer e a de descolamento social das senhoras, que não se sentem à vontade na enfermaria.

À origem do “próprio sentido de ‘mistério’ (lt. *mysterium*; gr. *mustêrion*) se liga um conjunto de doutrinas e práticas de cultura, que implicam a presença do sobrenatural, da revelação e do conhecimento” (ALBERGARIA, 1982, p. 163) que são os elementos basilares na sensação de tensão. Em virtude disso, a presença de doenças, que não têm razão explicitada, na enfermaria seria um elemento amplificador da curiosidade e do temor das agregadas, pois elas não sabem as causas e/ou fatores que desencadearam os males a que os negros estão sujeitos. Os corpos deles são seres pouco familiares para as senhoras brancas, haja vista que é neste ambiente “hospitalar” precário e afastado dos espaços de convívio das pessoas, onde se pode encontrar os negros que possuem moléstias.

Historicamente, a interdição imposta aos são de entrar no mundo dos enfermos foi um fator capaz de alimentar a curiosidade daqueles sobre as moléstias: a experiência desumanizadora de alguns males foi capaz de criar um tipo de excursionismo, que era comum nos séculos XVIII e XIX, em que as famílias costumavam ir aos hospícios e às casas de internação para ver as pequenas monstruosidades – os doentes mentais e/ou as pessoas com deformações – como seres de terras distantes, pequenos objetos de circos

destinados a trazer emoções que fugissem da monotonia do cotidiano burguês. (FOUCAULT, 2017) No Grotão, o passeio das senhoras pela enfermaria reforça esse fascínio a partir de uma fuga do cotidiano e da entrada num mundo desconhecido – o das doenças dos mais miseráveis da propriedade rural. É uma forma, *grosso modo*, de “turismo” no mundo do horror que desperta a curiosidade e, provavelmente, o prazer em ver negros moribundos.

Além disso, Dona Maria Violante, “que nunca tinha visto sequer um hospital, quanto mais enfermaria de negros” (PENNA, 1970, p. 237), tem consciência de não estar num espaço conhecido, já que sua primeira atitude é de retraimento frente às imagens dos doentes e sensação de estar “interdita”. (PENNA, 1970, 237) Ela se sente desconfortável tornando-se deslocada de seu lugar familiar, pois seus anéis e brincos de suas orelhas põem ao extremo o clima de miséria dos pretos, que podem ter suas enfermidades ligadas a algum tipo de castigo físico ou excesso de trabalho. De um lado, acessórios luxuosos; do outro, doença e dor. O luxo e a miserabilidade avizinham-se lembrando-nos de que o primeiro é o resultado do segundo, uma vez que os horrores resultantes da edificação e da manutenção do sistema escravagista são necessários para que exista a riqueza na mão de poucos. É necessário que os negros se encontrem em um estado de penúria para que o mundo feito a sangue, o do sistema social regido pelas regras do patriarca, esteja em pé.

A sensação de mal-estar que Dona Maria Violante sente ao entrar em contato com os pacientes da enfermaria põe à luz o poder que algumas moléstias têm de dar àquele que as observa uma experiência de vivenciar o “quase” humano. Dito de outro modo, a de ver o doente como uma espécie de alteridade monstruosa, porque há o medo de Dona Maria Violante de “ver surgir de sob as cobertas dos catres a figura negra e estremunhada de cada doente, a fitá-la com olhos vermelhos e brilhantes” (PENNA, 1970, p. 237) capazes de lembra o olhar de um animal. O olhar da senhora frente a moléstia amplifica a visão das feições animais de certos tipos de moléstias e a do negro no século

XIX – uma espécie de bicho/coisa de aparência humana feito para o trabalho. Em nossa cultura as enfermidades “mais temidas são as que parecem transformar o doente em animal” (SONTAG, 2007, p. 109), desumanizando-o e tornando-o um ser monstruoso. É, portanto, um ser humano em aparência e nada mais.

Este avançar em direção à pessoa de olhos vermelhos e brilhantes leva a moça carioca a pedir desculpas às outras senhoras pelo papel tolo que ela julga ter realizado: o de ter invadido o espaço que não lhe era destinado e o de ter se aproximado de um preto adoentado. O ato de se desculpar expõe uma culpa ou transgressão em relação a um preceito social reconhecido pela pessoa faltosa. Ela aceita que transgrediu as normas e busca reparar o malfeito, já que “qualquer enfermidade tida como um mistério e temida de modo bastante incisivo será considerada moralmente, se não literalmente, contagiosa” (SONTAG, 2007, p. 12) e, portanto, interdita. A senhora aceita que errou em entrar em contato direto com o impuro – o negro doente – e, posteriormente, irá para seu quarto como uma forma de reclusão e, talvez, de limpeza.

Ainda na enfermaria, um outro elemento que liga as enfermidades ao mistério é a suposta relação delas com a magia ou forças diabólicas. Dona Maria Violante temerosa ouve do escravizado “palavras misteriosas de encantação” (PENNA, 1970, p. 237) que recordam uma espécie de feitiço ou bruxaria. A fala do doente – africanismos incompreensíveis para a senhora fluminense – expõe a relação histórica entre o encantamento e a enfermidade. No início de nossa civilização, os males foram entendidos como resultados e/ou causadores das invasões de demônios, de castigos divinos e/ou da força de espíritos sobre os corpos dos enfermos e das pessoas ao redor deles. (HEGENBERG, 1998, p. 18) Por isso há certa aura mística na experiência de estar doente, as frases de um doente teriam uma certa potência sobrenatural capaz de conectar os são a um universo misterioso – o lar dos deuses, dos demônios e/ou dos espíritos.

Dona Maria Violante vive, mesmo inconscientemente, um dos resquícios dessa experiência milenar, porque uma das línguas dos escravizados a faz viver o temor de estar diante do desconhecido. Frente os africanismos incompreensíveis a senhora sente um estranhamento no seio da linguagem: ela está descolada da “única casa onde podemos nos deter e nos abrir [que] é a língua, aquela que aprendemos desde a infância” (FOUCAULT, 2016b, p. 39) e que se nos apresenta como nossa porta de segurança nos momentos em que nos sentimos ameaçados. O negro doente em seu delírio de febre retira a senhora de seu código linguístico materno, o português, e a expõe a uma língua estrangeira. A incompreensão das significações amplifica “na atmosfera carregada ali existente” (PENNA, 1970, p. 237) o medo e a repulsa, mas também a curiosidade de entrar em contato próximo com o ser proibido vindo de outro lugar – a África.

As sensações que o recinto dos cativos doentes provoca em Dona Maria Violante dão-lhe a impressão de estar num ambiente inóspito, onde o desconhecido pode – ainda que temporariamente – avizinhar-se do familiar. Sendo assim, enfermaria dos escravizados funciona como um local misterioso na fazenda: é o Grotão desconhecido dos negros miseráveis frente um Grotão conhecido, o dos brancos.

3 O CANTO DOS “LOUCOS”

No romance há uma outra passagem em que se pode ler o papel das moléstias como uma “fala” dos miseráveis do Grotão. O momento em que a família Albernaz, a do Comendador, anuncia aos convivas o noivado de Carlota com João Batista – herdeiro de uma poderosa família da região – que uniria o poder de ambas as facções. A notícia é dada às pessoas da fazenda que buscam, à sua maneira, jeitos de expressar que estão “felizes” e agradar ao todo-poderoso. Ele vê no possível laço dos Albernaz com os Batista uma forma de

juntar a riqueza do primeiro grupo com a influência social e o poder político, do segundo. É em meio ao recebimento dessa novidade que a presença da “loucura” vem à tona durante a celebração dos negros, que buscam meios de agradar à sua nova sinhazinha – Carlota.

Os senhores ficaram alguns momentos ainda no alpendre e procuravam distinguir na luz difusa dos candeeiros os vultos agitados e gesticulantes. De quando em vez deixavam entrever muito rápido caras onde o ríctus era de volúpia e de dor, e nelas até o riso se tornava sinistro. A música sempre igual, materlante, sem cessar, sobre-humana, alucinava, gradativamente os dançadores, e eles começavam já a uivar em vez de cantar, a ter convulsões em vez dos passados primitivos do batuque e os senhores sentiram ser já tempo de se retirarem, porque a loucura viera tomar parte no baile. Mas Carlota ao entrar teve a intuição de que alguma coisa nova ia surgir, e foi quando já tinha atravessado a Capela e entrado na sala que despertou do encantamento no qual sentia-se envolvida, e deu conta de ter sido mudada a cantilena entoada no terreiro. (PENNA, 1970, p. 263-264).

Os negros escravizados estão festejando o anúncio do noivado. A festa marcaria o começo de uma nova era para a família Albernaz, ou melhor, sinalizaria a garantia da continuação do sistema patriarcal só que em outras mãos, as do futuro marido de Carlota. A comemoração funciona como uma ruptura do cotidiano da fazenda: os negros têm um tempo para si, no qual eles podem celebrar os seus ritos, porém sob o olhar dos feitores. A vigilância acompanha o momento lúdico, já que os brancos têm medo de uma revolta e da insubordinação dos escravizados.

A forma que os pretos e os mulatos celebram traz à tona a presença de alguns elementos da cultura africana e/ou afro-brasileira: a música, as danças e o batuque que permitem construir uma atmosfera de tensão, causadora de apreensão nos brancos da casa-grande. Eles não compreendem o significado daquela manifestação. Para os moradores do imenso casario, o ritual expõe a presença de traços da animalidade e da loucura: a música, sobre-humana, é

capaz de fazer as pessoas ficarem alucinadas. Elas, supostamente, penetrariam um estado alterado de consciência que lhes permite viver a realidade à sua maneira – nesta última vigilância implacável do sistema não consegue acessar e tocar. É a metáfora da doença mental como uma forma de “linguagem subvertedora ou passível de subverter a ordem” (MIRANDA, 1983, p. 75) imposta pelo Comendador, porque os brancos não conseguem entendê-la e acessá-la e, por conseguinte, controlá-la.

A loucura recorda a imagem de um indivíduo que tem seus valores, seus códigos e sua linguagem em desacordo com a razão (o pensamento da grande maioria de uma sociedade), haja vista que “o louco não é manifesto em seu ser: mas se ele é indubitável, é porque é *outro*” (FOUCAULT, 2017, p. 183, grifo do autor) em relação ao universal. Ou seja, o louco é um outro em meio à figura do eu, a lógica da maioria dos membros de uma sociedade. A figura da alienação é, portanto, a marca de uma alteridade indesejada e instável para a razão da maioria das pessoas de uma cultura e período histórico determinados: é uma forma de vida às margens do tecido social. Tolera-se o desarrazado, porque se precisa dele para algumas atividades que necessitam de força física e para mostrá-lo como um mau exemplo – todo aquele que não está sob o signo da razão.

No Grotão, a celebração é consentida pelos brancos, que não interferem na festa. A “loucura [que] viera tomar parte no baile” (PENNA, 1970, p. 263) manifesta-se a partir da presença das convulsões, dos risos e dos uivos que são uma forma de linguagem incompreensível para os moradores do casario (SANTOS, 2007, p. 92). Eles se sentem incomodados e se retiram da varanda quando a celebração assume seu ápice, já que a cultura dominante vê a do dominando como uma forma disparatada e amorfa. Dito de outro modo, para a classe socialmente superior não há lógica nos ritos realizados pelos escravizados, durante a celebração do anúncio de noivado de Carlota. Em virtude disso, cria-se uma “aura mística” (SANTOS, 2007, p. 92) frente a cultura

do outro, a do preto, que é vista como um elemento exótico. O normal seria, para a visão eurocêntrica dos da casa-grande, o patriarcado e a escravidão, o que justificaria a alcunha de alienados.

Na festa dos pretos o riso, o uivo e as convulsões são entendidos pelos brancos como os sinais da doença mental. A moléstia tem a capacidade de quebrar o silêncio imposto aos escravizados e de criar uma forma de comunicação eficiente entre eles. A alienação dá aos negros uma possibilidade de trocar informações numa “língua” comum entre eles, já que não há um código autóctone unificado em meio às pessoas escravizadas. Elas podem, durante o tempo do ritual, “abandonar” o idioma comum e adotar essa “conversação” precária às vistas do poderio do fazendeiro. É no “*silêncio* [que] deve ser preservado e mantido a qualquer custo” (MIRANDA, 1983, p. 75, grifo do autor) que o mando do Comendador está assentado. O silenciamento é a arma do sistema escravagista e patriarcal contra as vozes dos negros, forçando-os a procurar uma forma de diálogo que passe despercebida. Isso é um jeito de burlar a brutalidade e as agressões quotidianas, pois os escravizados ao se comunicarem – mesmo que precariamente – fogem da violência, que “é tratar um ser humano como uma coisa” (CHAUI, 2017, p. 88), e reforçam a consciência de sua humanidade.

Quando os moradores casa-grande dizem que os negros enlouqueceram, durante a celebração do noivado de Carlota, é possível ver que os escravizados têm uma realidade comum à dos loucos: ambos vivem “nessa impossibilidade de falar, nessa impossibilidade de pensar, nessa impossibilidade de encontrar suas palavras [...]”. (FOUCAULT, 2016a, p. 46-47) Ou seja, os alienados, como os escravizados do Grotão, vivem num código emudecido para os dominadores, ou melhor, não têm o direito à voz.

Além disso, os corpos e o batuque dos seres humanos escravizados, que alimentam o “ríctus [que] era de volúpia e de dor” (PENNA, 1970, p. 264) e as

“convulsões” (PENNA, 1970, p. 264), parecem colocar Carlota sobre um certo encantamento ou feitiço, que seria fruto da incompreensão dos significados das palavras cantadas por aqueles. Há uma certa “mitologia” da linguagem enlouquecida, a do insano: ela tem a propriedade de seduzir, porque funciona como uma espécie de subcódigo sobrenatural. De forma mais precisa, recordam vocábulos mágicos ou misteriosos que têm o poder de prender a atenção daquele que os ouve, uma vez que somente as pessoas consideradas dotadas de alta sensibilidade teriam a capacidade de perceber essa codificação linguística (SONTAG, 2007, p. 95). É o deslumbramento frente ao desconhecido que rompe, vez por outra, as normas e as significações da língua em seu uso cotidiano. (FOUCAULT, 2017) Deslumbre que Carlota parece vivenciar, mas que é quebrado quando a música é alterada fazendo vir à luz o verdadeiro significado do casamento dela com João Batista, a manutenção do sistema patriarcal e da escravidão. Ou seja, a loucura dos escravizados fala da verdadeira significação dos gestos e dos atos dos brancos em relação ao futuro casamento da herdeira do Grotão, e das engrenagens sociais que mantêm em pé o poderio do Comendador.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance, as doenças e suas metáforas e os corpos dos doentes relembram que os problemas de saúde colocam à tona a questão da alteridade no Grotão: do lado supostamente negativo, os escravizados doentes e os “loucos”, ou seja, os grupos que carregam em si a marca do duplo estigma (a enfermidade e a sua condição de cativos); do outro, os brancos que se creem senhores da razão e se sentem como o símbolo do lado positivo da sociedade escravagista. Os negros doentes em seus catres, que podem ter suas moléstias relacionada aos horrores dos castigos físicos frutos da escravidão, falam a partir de seus corpos do processo de silenciamento a que estavam sujeitas as pessoas

pretas na fazenda dos Albernaz, já que, durante o período do cativo de seres humanos no Brasil, era possível ler, na pele dos que estavam sob o jugo dos latifundiários, o comportamento destes e o funcionamento da propriedade rural que controlavam; além disso, as marcas dos castigos aplicados às pessoas cativas e as das moléstias indicavam, muitas vezes, as formas e as condições de vida a que estavam submetidas o grupo humano que (sobre)vivia sob o regime da escravidão. (LOBO, 2008)

Além disso, os males na narrativa põem à luz as camadas sedimentadas de entendimentos – os preconceitos, os tabus, os mitos, por exemplo – a que todas as pessoas do Grotão se submetem. Utiliza-se da metáfora da alienação, isto é, a moléstia como substituta de uma ação (SONTAG, 2007), para marcar os escravizados como seres humanos despossuídos de razão, haja vista que os gestos de sua celebração não são entendidos pelos brancos – representantes do pensamento dominante. Como consequência disso, os pretos criam formas de linguagem que permitem a comunicação entre eles e a fuga do olhar de vigilância do poderio do Comendador. A alienação figura como um direito à linguagem dado à camada mais baixa do tecido social que pode, dessa forma, expressar-se à sua maneira a partir de uma “falha” do “diálogo” entre senhores e servos. Ou seja, é a voz de outrem vindo à luz a partir da incompreensão do dominador.

Um outro exemplo da relação entre a doença e a linguagem é o passeio das senhoras. A enfermidade de Zere, o escravizado em estado febril, põe à tona os múltiplos estigmas dos males no Grotão: a linguagem do negro doente e sua relação com a magia e/ou as forças diabólicas; o espaço proibido para a mulher branca; a suposta animalidade do corpo negro; e as palavras africanas que são tachadas de código linguístico diabólico por Dona Maria Violante, que as vê tal qual uma ameaça. O outrem em *A menina morta* é visto a partir da ótica do exótico. (SANTOS, 2007, p. 92) Ou seja, qualquer coisa ou pessoa que fuja do

horizonte de dominação e conhecimento dos brancos é visto como algo estranho.

Disso resulta o poder da enfermidade de emaranhar a história reforçando-a e enriquecendo-a a partir do “[...] jogo cornelianiano entre o dito e não-dito [...]” (LIMA, 1976, p. 143) que, por vezes, nasce a partir dos pequenos gestos e de pequenas ações das personagens d’*A menina morta*. As moléstias e os corpos doentes vociferam, ainda que de maneira quase cifrada, e quebram o silêncio, colocando à baila que o poderio do Comendador mantém-se vivo a partir do calar das vozes dos imprimidos e de um contínuo processo de interdição – estes elementos são capazes de o mistério que as personagens (e os leitores) sentem. O desconhecido alimenta a curiosidade e o fascínio dos brancos no Grotão, porque coloca em jogo os conhecimentos e as vivências deles, confrontando-os a um universo novo, ou mais precisamente, às existências marginalizadas – os negros doentes. Portanto, as enfermidades recordam as verdades, as violências e as opressões a que estão sujeitos os moradores do Grotão sob a égide do patriarcado e da escravidão.

REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, Maria Consuelo de Pádua. *O espaço da loucura em Minas Gerais: análise da ficção de Cornélio Pena*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. *Sobre a violência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A grande estrangeira: sobre literatura*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016a.
- FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016b.
- FOUCAULT, Michel. *A História da loucura: na Idade Clássica*. Trad. José Teixeira Coelho. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- HEGENBERG, Leonidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

LIMA, Luiz Costa. *A perversão do trapezista: o romance em Cornélio Penna*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LOBO, Lilia Ferreira. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MIRANDA, Wander Melo. A menina morta: a cena muda. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*. v. 1, p. 69-76, 1983. Disponível: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_e_a_roda/article/view/4134/3995. Acesso em 02 out. 2019.

PENNA, Cornélio. *A menina morta*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. Nação: civilização e barbárie. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. v. 9, n. 11, p. 77- 103, 2007. Disponível: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/170/173>. Acesso em 02 out. 2019.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. O Romance Gótico e a Obra de Cornélio Penna. In: Congresso Internacional Abralic. 2008, São Paulo. *Anais do XI Congresso Internacional da Abralic*. São Paulo: USP, 2008. Disponível: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/077/JOSALBA_SANTOS.pdf. Acesso em 02 out. 2019.

SHLAFMAN, Léo. Do outro lado da Fronteira. In: PENNA, Cornélio. *Fronteira*. Rio de Janeiro: Artium, 2001. p. 11-18.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora; aids e suas metáforas*. Trad. Rubens Figueiredo e Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebido em 23/04/2020.

Aceito em 11/11/2020.